



IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Laudeci Nunes dos Santos–UTFPRlaudeci_nunes@hotmail.com
Prof^aMs Flóida M. R. C. Batista– UTFPR– moura@utfpr.edu.br

RESUMO

Este artigo remete-se a questão da importância do lúdico na educação infantil para evidenciar que o lúdico pode servir de estratégia de ensino, auxiliando na aprendizagem e destacando, também, como foi incorporado na sala de aula e sua efetividade. Para tanto, recorreu-se da pesquisa de natureza bibliográfica, destacando como objetivos: A reflexão da trajetória do lúdico ao longo da história e como a estratégia lúdica foi agregada ao ensino nos centros de educação infantil, bem como a importância desse uso para o ensino e a notável relevância da formação do professor como contribuição para o processo de ensino-aprendizagem. Esses propósitos foram discutidos e analisados dentro do trabalho, de modo que se conseguiu alcançar metas propostas. Buscou-se nas bibliografias conhecimentos referentes à temática, apresentando pontualmente a evolução desse conceito ao longo do tempo, além de discutir assuntos pertinentes em relação ao tema como, por exemplo, as leis que implementaram e legalizaram os centros de educação infantil e a formação do professor e suas contribuições, pensando que isso pode surtir efeitos positivos diretamente na sala de aula. Consultando o referencial teórico citado observou-se o quanto a estratégia lúdica é bem vista no meio teórico, visto que segundo estudos é algo que auxilia no processo de ensino-aprendizagem, porém na prática ainda existe muito preconceito e rejeição a ela, o caminho é longo e, ainda, há muito que estudar e extrair dele.

Palavras chave: Educação; ludicidade; aprendizagem; formação do professor.

1 INTRODUÇÃO

As discussões acerca do lúdico atravessaram décadas e sempre estiveram atreladas ao ser humano e ao benefício que a ele traz.

A primeira vista trabalhar com o lúdico atrelado a aprendizagem levanta dúvidas tanto na eficiência como ferramenta estratégica quanto na iniciativa do professor ao utilizar o lúdico de forma programada e planejada.

Pensando nisso como profissional da educação nos anos iniciais, e interessado no estudo da temática, também na ampliação de acervo bibliográfico, buscou-se levantar dados via obras já publicadas que tratassem do assunto para investigar os objetivos aqui traçados: reflexionar sobre a trajetória do lúdico ao longo do tempo e como foi agregado aos anos iniciais, além da importân-

cia do mesmo para o ensino, bem como as contribuições que a formação do professor pode trazer para a educação.

À vista disso, construiu-se o trabalho com natureza bibliográfica onde será feita uma revisão de literatura valorizando os principais autores que tratam do assunto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Breve trajetória da educação infantil ao longo da história

O surgimento das instituições hoje chamadas de centros de educação infantil tem um início assistencialista e coincide mais tarde com a grande necessidade capitalista de mão de obra de trabalho. Os primeiros indícios de criação desses ambientes surgiram na Europa e só mais tarde se expande para outros países, como o Brasil.

O auge capitalista fez com que essas instituições fossem fomentadas, já que as mulheres que saíam de suas casas para as fábricas precisavam de um lugar para deixar seus filhos. Antes disso, claro, já havia ambientes que atendiam crianças órfãs e outras por diversos motivos, mas foi mais forte com essa transição do modo de produção da sociedade na época.

No Brasil foi um pouco diferente do cenário Europeu, conforme trecho a seguir de Sommerhalder e Alves (2011, p.44): “Até meados do século XIX, o atendimento da criança pequena fora do núcleo familiar e dos cuidados da mãe em instituições como: creche e parques infantis praticamente não existia.”.

Por aqui, as mudanças começaram com a abolição da escravatura, forte migração da zona rural para a urbana e uma grande modificação na organização política, social e econômica do país.

Como se vê as transformações sociais propiciaram a difusão dessas instituições que por muito tempo tiveram esse caráter assistencialista. No entanto, na época já existiam pessoas que pensavam não só nos cuidados higiênicos e alimentícios, como também, na educação formal dessas crianças; ideologia essa importada da Europa.

Dessa forma caminhou o tratamento com a educação no país por um tempo, um cenário tanto conturbado, ideias transportadas de outros países que vão sendo adaptados à nossa difícil realidade.

As primeiras instituições que objetivavam o atendimento das crianças no país eram privadas, ou seja, ainda não se tinha uma regulamentação formal do Estado para o funcionamento dessas instituições no país.

Como se não bastasse essa situação caótica que vivia a educação, ainda havia uma distinção no ensino das crianças. Por exemplo, as que pertenciam a uma classe social mais alta eram preparadas para o ensino regular e socializadas, situação oposta aos filhos dos operários e crianças vindas de uma classe desfavorecida que eram preparadas para o trabalho, tendo em vista a grande necessidade de mão de obra qualificada na época.

Somente nos anos 80 é que se tem uma mobilização social para uma alteração das condições do ensino diferenciadas a cada classe, conforme Paschoal e Machado(2009, p. 85):

...diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento.

Segundo Paschoal e Machado (2009), foi preciso quase um século para que a educação fosse considerada direito da criança, fato formalmente reconhecido pela carta constitucional de 1988, que incluiu o inciso 208 à constituição federal para garantir a educação para as crianças de 0 a 6 anos de idade.

Assim foi construída a história da educação infantil até chegar ao que se tem hoje. Agora, as instituições não visam somente a assistência de crianças que são deixadas para que os pais possam trabalhar, até mesmo porque a educação gratuita é direito de todas as crianças, independentemente, se os pais trabalham ou não e de sua situação financeira.

Nessas instituições sociais as crianças são educadas, estimuladas e preparadas para se desenvolver pessoal, intelectual e socialmente, por isso discutí-la e analisá-la é um dever de todos os envolvidos, educadores, família e Estado.

2.10 Lúdico e sua importância

A educação infantil é um direito assegurado a todas as crianças de zero a cinco anos pela Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, Lei nº 9.384), Título III, Art. 4º Inciso II.

Fica, também, determinado por meio dessa Lei em seu Art. 29 que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Desse modo, por que não proporcionar a essas crianças um ensino diferenciado e mais aproximado de sua realidade?

Estudos já demonstraram que a os jogos fazem parte da sociedade desde tempos remotos e que seu relacionamento com as crianças é de uma intimidade inigualável. Então, por que não utilizá-lo como ferramenta de ensino?

Esses são questionamentos que envolvem o ensino há décadas elevam os estudiosos a pensar e refletir sobre como se pode contribuir e avançar nesse assunto em prol de uma educação melhor e, claro, de um bom desenvolvimento de nossos alunos.

Acredita-se que os jogos e brincadeiras são essenciais para o desenvolvimento da criança, sendo inerente a todo ser humano em fase de desenvolvimento, de modo que oportuniza o amadurecimento, aprendizado, interação com o mundo e com os objetos sociais.

Na educação infantil, pensa-se ser de extrema importância que haja como recuso pedagógico, atividades lúdicas, pois não há como exigir das crianças nessa fase inicial da educação o mesmo grau de maturidade que um adulto.

Na educação infantil a criança começa a aprender coisas simples, a se desenvolver, promover maturação dos aspectos físicos, motores, psíquicos, afetivos e sociais. Conforme Pinto e Tavares (2010, p. 233).

O lúdico pode se caracterizar assim, o sentimento, os questionamentos, prática social, mediação professor/aluno, habilidades, autonomia, responsabilidades, senso crítico e aprimoramento de estruturas mentais, como atenção, percepção e raciocínio. Atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança com dificuldades de aprendizagem, bem como o prazer, a socialização, o respeito, a individualidade. Pois, a criança estará aprendendo no seu ritmo, criando hipótese, chegando à conclusão e elaborando suas regras. Acer-

tando e errando com seus próprios erros e retomando para acertar novamente. Assim, sua aprendizagem será significativa e levará consigo um aprendizado que nunca se esquecerá.

O lúdico proporciona a construção do saber, a criança ao brincar e jogar desenvolve sua personalidade, compreende as ações sociais que estão a sua volta. É importante considerar os pensamentos de Vygotsky citado por Leal (2011, p. 22), onde coloca-se que:

[...] o brincar é um espaço de aprendizagem onde a criança age além do seu comportamento humano. No brincar, ela age como se fosse maior do que é na realidade, realizando simbolicamente, o que mais tarde realizará na vida real. Embora aparentemente expresse apenas o que mais gosta, a criança quando brinca, aprende a se subordinar às regras das situações que reconstrói.

Ou seja, a criança imita as ações que ela observa a sua volta e assim aprende, brincando, fazendo de conta, esse tipo de brincadeira é essencial e natural na vida de todos em fase de desenvolvimento.

Portanto, não se pode deixar de utilizar como meio pedagógico as atividades lúdicas na educação infantil, visto que nenhuma criança deve ser privada do brincar. O processo de ensino e aprendizagem deve considerar o que o aluno gosta e conhece, nesse caso, o que importa para a criança é o brincar, é estar alegre, interagir, isso só pode ser realizado nesse nível de ensino através do lúdico. Por isso, consideram-se de extrema importância as brincadeiras na educação infantil.

No entanto, observa-se que o lúdico não influencia apenas crianças, como também, adultos. O lúdico é capaz de promover prazer e relaxamento em qualquer pessoa, de provocar melhor compreensão e aprendizado em diferentes idades. Santos (2007 apud MATOS, 2013, p.139) partilhar dessa ideia dizendo que “a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão.”, o melhor é que por meio dele pode-se aprender e aprender em qualquer etapa da vida e isso é extraordinário e gratificante.

O aprendizado não precisa necessariamente ser algo que cause desprazer, desmotivação e desinteresse, pelo contrário, existe uma grande possibilidade nas mãos dos educadores de inovarem e despertarem em seus educan-

dos agrado pelo aprender, motivos para estarem em sala de aula, os métodos de ensino e a capacitação do professor é que farão a diferença.

Sendo assim, é importante lembrar que as atividades lúdicas devem ser mediadas pelo professor, para que desde cedo as crianças consigam tirar de determinadas atividades lições e conhecimentos que levarão consigo para a vida toda.

Segundo Luckesi (apud BENEDET, 2011, p. 24):

(...) o lúdico é qualquer atividade que executamos e que nos dá prazer, qualquer atividade que enquanto fazemos temos espontaneidade em fazê-la, quando executamos tais atividades porque queremos, pôr puro interesse pessoal. Tal ensejo refere-se tanto à criança quanto o adulto. A partir daí é que começamos a notar a possibilidade, a facilidade, e a forma prazerosa de quando estamos brincando.

Partindo desse pensamento da mediação do professor e no quanto proveitoso pode ser o lúdico em sala de aula considera-se relevante discutir a formação do professor, peça essencial nesse processo que envolve o desenvolvimento de seus alunos.

Esse ponto será discutido no texto A formação do professor e suas contribuições, após o tópico abaixo que reflete como a educação infantil e a ludicidade iniciou seu relacionamento, quais foram as contribuições históricas que esse estreitamento trouxe para a educação, como o conceito foi evoluindo ao longo do tempo.

2.2 A educação infantil e a ludicidade

O vocábulo latino *ludus* que significa lúdico em português é definido como jogo, divertimento, distração, conforme os dicionários.

O mesmo passou por diferentes concepções ao longo dos anos, fez parte de muitas culturas e cada uma delas o recebeu de uma forma.

Para Leal (2011, p. 10). "... o lúdico se expressa desde os primitivos nas atividades de dança, caça, pesca, lutas."

Como conta a história, também, fez parte da idade média, onde os jogos eram destinados aos homens, visto que as mulheres e as crianças não eram consideradas cidadãos e não participavam de todas as atividades do grupo.

O jogo foi considerado importante para Platão e ele apontava sua importância para o ensino e desenvolvimento da criança. Muitos outros teóricos ressaltaram o mérito da ludicidade no ensino de crianças, assim como de adultos em diferentes épocas.

Segundo Kishimoto (2011, p. 119):

A partir do Renascimento, vê-se a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Ao atender necessidades infantis, o jogo infantil torna-se forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares. Assim, para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos.

Nesse período há uma mudança na visão da criança que por consequência influencia no modo de concepção do lúdico, ou seja, com o renascimento ela tornou-se objeto culturalmente significativo para a sociedade, principalmente, para a formação adequada da aprendizagem de uma criança, fato depois reafirmado com o movimento romântico da época.

Pode-se perceber que o modo de ver o lúdico em cada civilização depende também da forma como a criança é imaginada, vejam que na idade média elas eram vistas como um adulto em miniatura e deviam trabalhar, por isso não podiam perder tempo com jogos, já no movimento renascentista e no romantismo elas eram tratadas como seres ingênuos, puros e propícios a brincadeiras.

Kishimoto ([199-?], p. 120) diz que “É dentro dos quadros do Romantismo que o jogo aparece como conduta típica e espontânea da criança.”.

Para este mesmo autor:

Filósofos e educadores como Jean-Paul Richter, Hoffmann e Froebel consideram jogo como conduta espontânea e livre e instrumento de educação da pequena infância. O uso metafórico do jogo como conduta prazerosa e espontânea tem suas origens nas teorias da recapitulação.

Froebel foi um estudioso importante na introdução do jogo no Brasil, sua teoria consistia no resgate do jogo pelos educadores, a fim de utilizá-lo como método pedagógico. O lúdico sempre esteve atrelado à sociedade, às crianças e ao ensino, porém cabe lembrar que sempre houve controvérsias entre ambos.

Quando a legislação incorporou as creches e a educação infantil como obrigatória e de direito da criança, o lúdico foi absorvido nessas instituições como instrumento pedagógico.

Segundo Sommerhalder e Alves (2011, p.45) “O jardim de infância chega ao Brasil com uma perspectiva educativa que traz consigo a proposta frobeliana para a educação de criança pequena.”

No entanto, essa proposta não foi bem vista na época e não agradou a todos, principalmente, os religiosos que cuidavam de algumas instituições de ensino, eles não viam a brincadeira com bons olhos; acreditavam que o brincar era uma perda de tempo e que a educação devia ser formal e sistematizada, de modo que o jogo tiraria sua seriedade. Assim explica Sommerhalder e Alves(2011, p.46):

Religiosos, por exemplo, partidários do ensino fradesco, eram contrários ao uso de jogos e brinquedos infantis e favoráveis à introdução do aprendizado monótono das rezas. A ideia do brincar associado ao prazer eram consideradas causadoras da corrupção infantil e não como espaço de educação.

Essa prática fröbeliana restringia-se aos jardins de infância controlados por instituições privadas e destinadas a crianças de um padrão econômico alto, porque aos menos favorecidos o atendimento era feito nas chamadas creches, dirigidas muitas vezes pelos religiosos, por lá o assistencialismo imperava e tinha-se a ideia de que as crianças precisavam ser doutrinadas por serem más e diabólicas, haviam duas linhas distintas de conduta em cada seguimento.

Segundo a história, após Fröbel surgiu uma corrente denominada Escola Nova que trouxe ideias inovadoras para a época afirmando que o lúdico permite um bom desenvolvimento cognitivo, intelectual, físico e motor as crianças. A teoria fröbeliana e a escolanovista trouxeram para o ensino brasileiro contribuição inigualável, pois a partir delas quebrou-se com a concepção tradicionalista que não via os educandos como seres autônomos e capazes de desenvolver-se por meio da ludicidade.

Mais tarde surge outra linha de pensamento que permeia a educação, a compensatória, segundo estudiosos as crianças menos favorecidas eram carentes e deficientes em relação às outras, por isso precisavam de uma educação

que suprisse suas necessidades, isso para que elas se igualassem as outras e pudessem acompanhá-las no ambiente escolar.

Não demorou a que essa teoria fosse questionada pelos profissionais da educação, como afirma Sommerhalder e Alves(2011, p. 51):

A educação compensatória que surge como alternativa para que as crianças das classes mais populares tivessem acesso ao conhecimento, começa a ser questionada, a partir da década de 1980, por professores e técnicas quanto à sua eficiência: ao invés de suprir as 'deficiências culturais', tal educação estava gerando discriminação e marginalização dessas crianças.

Em meio à discussão da “educação compensatória” está a ascensão dos estudos construtivistas de Piaget, um estudioso que contribuiu de diversas formas para a educação no país, assim como para a relação do lúdico com a criança, não diretamente porque seus estudos tratavam da construção do conhecimento, ou seja, das facetas cognitivas, mas indiretamente através de outros estudiosos que baseados em sua teoria transportaram-na para o campo pedagógico.

De acordo com Kishimoto([199-?], p. 122) “Na teoria piagetiana a brincadeira não aparece em si, mas serve para revelar mecanismos cognitivos da criança.”

Seus estudos ainda hoje discutidos e ensinados nos cursos de formação de professores contribuem para a ludicidade na linha da compreensão de como tal elemento é importante para o desenvolvimento da criança em todas as suas esferas e é algo natural nessa fase em que ela se encontra.

Muitos outros estudiosos deixaram marcas na educação e por consequência no uso do lúdico como ferramenta de ensino, o conceito foi evoluindo e ainda hoje é muito discutido, cada civilização o encarou de uma maneira muito particular.

Atualmente, muitos reconhecem o seu valor e sua importância, mas as discrepâncias entre a teoria e a prática ainda são grandes. Segundo Lira e Rubio(2014, p. 17):

A criança aprende melhor brincando e muitos conteúdos podem ser ensinados por meio das brincadeiras, as atividades com jogos ou brinquedos podem ter objetivos didático-pedagógicos que visem proporcionar o desenvolvimento integral do educando.

Pode-se verificar nos relatos de Menezes e Inocência (2014, p. 16) análise de seu trabalho envolvendo os educadores e o lúdico que obtiveram êxito.

A primeira etapa do projeto foi entrevistar as professoras sobre o brincar, o que revelou um discurso não favorável ao lúdico. Já os alunos, revelaram que o espaço que mais gostam é a quadra para brincar e o que menos gostam é a sala de aula. Após essa avaliação diagnóstica o pesquisador realizou oficinas lúdicas com as professoras que depois dessa experiência relataram que a partir dali dariam maior importância ao brincar por ser um facilitador da aprendizagem, sentiam-se mais a vontade para brincar.

Estudiosos no século XXI concordam com a legitimidade da ludicidade para o ensino, no entanto, as pesquisas de campo demonstram que na fala dos educadores há um discurso que às vezes apoiam e em outros desprezam, portanto, o cenário ainda é confuso e não há uma conformidade entre os profissionais que atuam nessa área.

2.3 A formação do educador e suas contribuições

O professor é o elemento primordial nesse debate sobre a importância do lúdico na educação infantil, tendo em vista que ele norteia o processo de ensino aprendizagem.

Por essa razão, considera-se essencial a formação acadêmica de qualidade desse profissional e a própria LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) garante isso em seu Título VI, *Dos profissionais da educação*, conforme pode ser visto no trecho a seguir:

Art. 61º. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades. (LDB, Lei nº 9.384)

O inciso II é bem claro ao dizer que é preciso a associação entre teoria e prática, portanto deve-se questionar se as graduações e formações continuadas estão cumprindo com esse papel de formar profissionais capazes de relacionar aquilo que ele vivencia no âmbito acadêmico com a realidade em sala

de aula, respeitando seus alunos e o momento de aprendizagem em que eles se encontram, bem diferente de um adulto, como já se sabe.

Além disso, cabe refletir também se na formação acadêmica há disciplinas voltadas para o ensino da ludicidade, proporcionando ao futuro educador um real encontro com aquilo que possa vir a ser seu instrumento de trabalho na sala de aula, visto que ele só poderá encontrar sentido naquilo que ele tenha experimentado de fato.

Encontra-se esse posicionamento por Matos (2013, p. 139) no seguinte trecho:

...a formação do professor em ludicidade deverá estar pautada em aprendizagens significativas, aproximando as crianças de uma realidade que é a sua, pois essa prática deve estar envolvida com uma intencionalidade, quebrando as barreiras existentes em sala de aula, em que o lúdico muitas vezes é aplicado para completar os espaços vazios do plano diário, assim a brincadeira desenvolverá a formação dos sujeitos, construindo saberes.

Levanta-se aqui a possibilidade de se ter graduações inclinadas para o ensino de professores utilizando também estratégias lúdicas, porque quem sabe assim não se pode ter mais professores praticando isso com seus alunos, tornando o ato mais significativo a eles, não de maneira aleatória, mas de uma ação acertada, real e coerente com a prática que eles tenham vivenciado.

Isso pode trazer dentre tantas outras coisas, melhores resultados para o ensino brasileiro, necessitamos de mais aplicação daquilo que é teorizado no âmbito acadêmico e para que isso aconteça será necessário que todos os educadores sejam preparados.

Farenzena (2009, p. 1991) relata como o lúdico é encarado na graduação em seu artigo, conforme trecho a seguir:

Quando acadêmicos de diversos semestres, incluindo-se os finalistas, conotam o brincar e o aprender escolar como momentos incompatíveis, aos quais deve corresponder uma orientação metodológica oposta e claramente demarcada, há que se refletir sobre o processo de formação, desde o seu projeto pedagógico a sua efetivação no desenvolvimento das disciplinas voltadas à formação lúdica.

Compartilha-se dessa ideia porque também quando aluno de graduação o mesmo ocorreu, havia uma separação entre o que seria o momento de estudo e o da brincadeira, por mais que algumas disciplinas discutissem e defendessem o trabalho com o lúdico, percebe-se ainda um meio bastante dividido no próprio âmbito acadêmico, similarmente, acontece com a direção dada nos estágios conclusivos do curso.

Sendo assim, pensa-se ser vital uma adequação dos currículos considerando o lúdico haja vista que os professores não poderão trabalhar com tal método se isso não estiver claro para ele, desse modo sua formação implicará e contribuirá em seu trabalho na sala de aula.

Essa avaliação feita em prol do lúdico nos projetos pedagógicos na formação acadêmica não exclui qualquer outro trabalho, método utilizado ou defendido nesse ambiente de graduação, somente, propõe-se a adoção de mais uma teoria que pode vir a ajudar no trabalho com alunos da educação infantil, fase importante da criança, onde ela se inclina mais para o brincar.

Pensando nisso, questiona-se o seguinte: Por que não aproveitar esse momento e relacionar de modo prazeroso conteúdos que podem ajudá-las em seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, psicomotor, social?

São muitos os questionamentos que se faz em torno do assunto, pois a partir das leituras realizadas, estudando todos os autores, analisando as ideias propostas por eles, foi possível perceber que a criança desenvolve-se por meio das brincadeiras, brinquedos e demais atividades lúdicas que lhes proporcione prazer, o que se considera de extrema importância, conclusão que não está ancorada em premissas particulares, muito pelo contrário, foram alcançadas por meio do referencial teórico estudado.

Por esta razão, considera-se que todos os propósitos foram gradativamente sendo alcançados e discutidos ao longo do trabalho totalmente com base nos estudos que foram realizados acerca do tema.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das leituras realizadas a fim de elaborar este trabalho encontraram-se autores que discutem e defendem a importância do lúdico na educa-

ção infantil e ao analisá-los observou-se o quão pode ser real e eficaz o uso da ludicidade como estratégia de ensino nessa fase inicial da vida escolar.

Discorreu-se aqui, também, sobre a trajetória da educação infantil ao longo da história para verificar como essa técnica de ensino foi atrelada a ela e como evoluiu na sociedade até a atualidade assim como as leis que implementaram e reforçaram o valor do trabalho com as crianças nesses centros educacionais.

Outro ponto importante discutido é a formação do professor, peça primordial no processo de ensino aprendizagem, pois pensar o lúdico como educador pode ajudar na evolução, reflexão e transformação da prática em sala de aula.

É necessário que se faça não só um replanejamento dos currículos pedagógicos incluindo o lúdico na formação do professor como também remunerações justas, valorização e boas formações continuadas para aqueles que já estão atuando. Assim como o envolvimento da comunidade de uma maneira geral, como afirma Matos (2013, p. 141) no trecho a seguir:

O importante é que a educação de qualidade da criança pequena possa ser reconhecida não só no plano legislativo e nos documentos oficiais, mas pela sociedade como um todo. Afinal, essa modalidade educacional é de responsabilidade pública e, como tal, deve prioritariamente ser assumida por todos.

Todos precisam reconhecer o valor e o cuidado que devemos ter em torno dessa estratégia de ensino e é, por esse motivo, sua importância, que reafirmamos que os profissionais precisam vivenciar esta prática para poderem pô-la em seus planos de trabalho e usá-la efetivamente em prol do bom desenvolvimento de seus alunos, não como uma mera distração, mas sim como um meio de aproximar os educandos através de uma linguagem que eles entendam e compreendam, a fim de estimular, ampliar e desenvolver seus conhecimentos e habilidade almejando que os mesmos fortaleçam sua criatividade, autonomia, atenção e gosto pelo que aprendem.

É fundamental mudar a prática e a visão em relação à estratégia lúdica, pois na fase em que essas crianças se encontram, necessitam estar livres para brincar, imaginar, fazer de conta, conhecer e aprender diversos temas. De acordo com Santos (2011, p. 53) “Para que a prática pedagógica dos profes-

res aconteça efetivamente se faz necessário que os mesmos busquem vivenciar o lado lúdico das atividades juntamente com seus educandos, facilitando assim o aprendizado e o desenvolvimento dos mesmos.

O uso do lúdico no âmbito educacional já apresentou muitos resultados positivos e, compartilha-se, dessa ideia considerando que a técnica da ludicidade pode trazer muitas respostas favoráveis ao ensino de crianças e adultos.

Para Sommerhalder e Alves (2011, p. 55):

O acolhimento do jogo significa o acolhimento da cultura lúdica infantil, o que remete a compartilhar com a criança suas brincadeiras, seus jogos, as histórias de instigar a curiosidade da criança, de seduzi-la a descobrir e descobrir-se, a criar e criar-se, enfim, seduzi-la a desejar conhecer, o que implica conhecer-se.

É imprescindível melhorar enquanto profissional atuante, pois ouve-se muito sobre o uso do lúdico na sala de aula e sua importância, no entanto, poucas ações são concretizadas, o que faz com que se perceba uma discrepância entre teoria e prática, assim constatou-se Leal (2011, p. 30) em suas pesquisas para o trabalho de conclusão de curso titulado “A importância do lúdico na educação infantil”, onde a mesma faz um levantamento de dados em determinada escola da Rede Municipal, em Picos – PI.

Segundo a autora citada não há concordância entre o que dizem os educadores e o que eles de fato fazem na sala de aula.

...assim como a Professora A, a segunda entrevistada (Professora B), se contradiz no que concerne as opiniões e pensamento (teoria) com os anseios e ações desenvolvidas na prática docente. Esta é cheia de exigências e “metas” a cumprir. Dessa forma, alguns fatores contribuem para que o lúdico não seja incluído na rotina da Educação Infantil como a carência de material lúdico e de preparo de uma delas (que é formada em Comunicação Social) para ensinar.

Analisando todos os autores foi possível constatar que o assunto não se esgota aqui e que ainda há muito que discorrer sobre ele, de modo que inúmeras contribuições possam vir a somar com outras que almejam o melhor para a educação no país.

Conseguiram-se alcançar os objetivos estabelecidos no início do artigo, constatando que o lúdico é de extrema importância na educação infantil, fato confirmado analisando sua trajetória ao longo dos anos, assim como a formação do professor e suas contribuições para o ensino.

É bom refletir enquanto professor sua práxis e foi, por essa razão, que se decidiu pela temática aqui discutida, pelas inquietações que causam o assunto e sua real eficácia, pensando sempre na melhora do ensino, já que como pivô na sala aula tem-se o compromisso de pensar sobre as ações e estratégias usadas em prol da educação, pois segundo Paulo Freire “A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.”, pensamento que compartilhamos por acreditar em um ensino de qualidade e real para nossas crianças, saindo da teoria e indo para a prática, assim elas colheram os frutos que tanto merecem.

REFERÊNCIAS

BENEDET, Jaison Casagrande. **Atividades lúdicas e as contribuições para a educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC: Criciúma, 2011.

Disponível em:

<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/1630/1/Jaison%20Casagrande%20Benedet.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2015, 16h38min.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei no 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARENZENA, Rosana Coronetti. A formação lúdica do professor de educação infantil no curso de pedagogia. In: **IX Congresso Internacional de Educação - EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia da PUCPR**, 2009. Disponível em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2952_1245.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.

KISHIMOTO, TizucoMorchida. **O jogo e a educação infantil**: Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. Florianópolis: Perspectiva, [199-?].
Disponível em: file:///C:/Users/Thiago/Downloads/10745-32465-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 18 de ago. 2015.

LEAL, Florência de Lima. **A importância do lúdico na educação infantil**. Monografia. Orientador: Ms. Janille Maria Lima Ribeiro. Piauí: UFPI, 2011.

LIRA, Natali Alves Barros e RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A importância do brincar na educação infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. São Roque: FAC, v.5, n.1. 2014.
Disponível em:
http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Natali.pdf. Acesso em: 17 ago. 2015, 14:22.

MATOS, Marcela Moura. O lúdico na formação do educador: contribuições na educação infantil. In: **Revista Caiuru**. Bahia: UNEB, n.2, p. 133-142, jan. 2013.
Disponível em:
http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2013_1/09_LUD_FOR_EDU_133_142.pdf. Acesso em: 07 set. 2015, 18:25.

MENEZES, Regiane Costa Menezes e INOCÊNCIO, Doralice. A importância da ludicidade e da aprendizagem por meio de jogos na formação do educador. In: **Revista FAATESP**. São Paulo: FAATESP, n.1, ago. 2014. Disponível em:
<http://www.joomag.com/magazine/revista-faatesp-ano-1-n-1-ago-2014/0073120001406227417?page=28>. Acesso em: 12 set. 2015, 09:00.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado e MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. In: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas: UEM, n.33, p. 78-95, mar. 2009.

PINTO, Cibele Lemos e TAVARES, Helenice Maria. O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender. In: **Revista Católica**. Uberlândia: FCU, v.2, n.3, p.226-235. 2010.

SANTOS, Alinne Nunes Alves dos. **ludicidade e Infância**: A Importância do lúdico no aprendizado da criança. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: 2011.
Disponível em: file:///C:/Users/Debora/Documents/utf%20-%20m%C3%A3e/ALINNE%20NUNES%20ALVES%20DOS%20SANTOS.pdf.
Acesso em: 20 ago. 2015, 18:25.

SOMMERHALDER, Aline e ALVES, Fernando Donizete. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender.** Curitiba: CRV, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem, desenvolvimento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Ícone, 1998.